



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

TRANSCRIÇÃO FABIO LANDA

[0:00] [FABIO LANDA] Vamos lá?

[HEIDI TABACOF] Vamos lá.

[FABIO LANDA] Essa entrevista se encontra inteiramente devido a uma iniciativa da Heidi Tabacof. Eu tava quieto lá na minha pracinha lá em Paris e um dia a Heidi desembarca e me propõe um assunto que ela tinha um argumento absolutamente irrecusável. Eu me lembro que eu tava preparadíssimo pra dizer: "Não, não, não, não, não" e ela me enfia um foguete que passou por todas as barreiras e o escudo não resistiu. Não resistiu, quer dizer, eu não estava preparado pra isso. Ela me disse o seguinte argumento: "Escuta, nós fizemos uma experiência, nós vivemos uma experiência, essa experiência tem um significado e não é justo, não é correto, fazer com que essa experiência desapareça. Assim, no limbo, no nada". Eu escutei e depois que eu] escutei...

Psicanalista morre pela boca e pela orelha.

E não deu erro, eu morri pela orelha. Quer dizer, eu escutei e depois que eu escutei eu não tinha argumento pra manter o assunto "Não, não, não, não, não" pra falar de algumas coisas que são o meu território privado. O meu território mais meu, aquele que eu sinto que efetivamente eu estou com os meus. É claro que eu estou com os meus também em outros territórios, mas o mais meu dos meus é o meu cemitério. E o meu cemitério tem uma porção de mortos muito queridos, uma porção de mortos fundamentais pra mim. E tem uma porção de tumbas em que eu estou lá. E eu não pretendia, não tinha nenhuma intenção de visitar essa tumba em particular, não que eu a renegasse não, mas era minha e eu revisitava quando eu queria, não estava programado pra visitar essa tumba nesses tempos, mas o argumento da Heidi não tinha jeito. Como se diz em francês: "imparable", eu não tinha defesa pra isso. Quando terminou esse primeiro encontro com a Heidi eu tinha dito sim, o sim se afirmou. E a Heidi é uma querida amiga minha há muitos anos, mas eu não faria isso por amizade, eu fiz isso pelo



PSICANALISTAS QUE FALAM

argumento dela que não tem contra-argumento, eu não encontrei pelo menos. Então essa é a pré-história, uma proto-história desse nosso encontro.

Eu vou falar sobre uma porção de coisas, mas eu vou aceitar a dica da Heidi que é visitar algumas tumbas, e esta em particular. Qual tumba? A tumba de uma Associação que viveu algum tempo e morreu, e eu junto. É uma experiência que terminou morta, e uma experiência em que eu morri também, não foi a única morte que eu tive, mas foi uma das mortes que eu tive, e uma morte muito querida e eu sou herdeiro desses mortos, inclusive desse morto que é um Fabio Landa dos anos 70, dos anos 80. Eu sou herdeiro dele e até me orgulho disso, afinal de contas eu sou um sobrevivente.

Por que é que eu falo tanto em morte? Então, uma primeira digressão pra não parecer que eu vim aqui falar de Drácula e Frankenstein: tem algumas coisas que eu aprendi, poucas, mas algumas coisas que me custaram muito caro aprender e eu aprendi.

Eu fiz a minha tese de doutorado com um psicanalista francês chamado [Pierre] Fédida, com quem a gente tinha muita simpatia um pelo outro. Nunca fomos amigos, mas tínhamos muita simpatia. E duas ou três coisas eu aprendi com ele, uma delas que me custou muito tempo aprender: ele insistia, insistia, insistia, muitas vezes em seus seminários e algumas conversas que a gente teve juntos, que ele não acreditava no trabalho do luto, que pra ele o trabalho do luto era o trabalho do luto, acredita quem quiser, uma crença como outra qualquer. Aquilo que ele sabe que existe é o trabalho da melancolia, então eu demorei muito pra aprender isso.

[05:10] É claro que eu tinha muitos mortos pra chorar, eu já tinha passado por um longo tempo de psicanálise. Na psicanálise e em todas as psicanálises sempre se diz "Precisa fazer o seu luto". E o diabo desse tal de luto nunca terminou, quando o Fédida me falou que não acreditava no trabalho do luto mas sim no trabalho da melancolia. E parecia uma pista e eu resolvi explorar.

Hoje em dia, efetivamente como um bom discípulo do Fédida, que também já morreu, um bom discípulo do Fédida nisto: o trabalho da melancolia.

Então, uma cena só termina quando a gente chega na morte e algumas mortes são mortes muito duras da gente reconhecer. Que é a morte de Eu. Eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

morri. Muitos anos depois eu cruzei com um grande analista, que esse foi bastante amigo meu, acabei traduzindo um livro dele, o Michel De M'Uzan, que ele tem um artigo exatamente assim: "Se eu estivesse morto". E eu morro, eu estou morto e eu tenho que conviver com muitos mortos e alguns dos mortos mais significativos pra mim e, efetivamente os mais difíceis de eu reconhecer é: eu morri. Aqui jaz alguém que não vai mais sair daqui, vai ficar no cemitério e qualquer tentativa de tirá-lo do cemitério é como roubar um cadáver, é sempre grotesco e patético. Então eu morri.

A história – tenho duas ou três histórias – que eu vim aqui contar historinhas, né? Então eu vou contar histórias.

Quando a gente conta histórias então, a gente sempre mente. Não porque eu queira mentir, não porque eu vim aqui pra mentir, mas é porque é o meu ponto de vista e alguém que tem um outro ponto de vista vai dizer que eu tô mentindo, que não foi bem assim, que foi de outro jeito. E o outro também está falando a verdade.

Eu estou falando a verdade, o outro está falando a verdade que, de alguma maneira, é o destino de todo testemunho. Um testemunho, à diferença da prova, o testemunho fala: "Eu vim aqui, por favor acredita em mim e acreditem que eu estou falando a verdade". Depende do outro que está me escutando, acreditar e me escutar, eu não posso fazer mais nada a não ser prestar testemunho.

A psicanálise vive disso, a psicanálise não vive de provas. As provas em psicanálise elas são efetivamente um estorvo, porque elas não provam nada, elas apenas interrompem uma conversa. Aquilo que conta pra psicanálise é o testemunho.

Então eu vou contar um testemunho.

Quando o testemunho testemunha ele faz uma simplificação, porque do contrário ele não sai do lugar. Ele fica parado na frente do evento e ele não testemunha nada.

Como dizia o Primo Levi: "Todo ato de palavra começa por um ato de simplificação". O mundo e aquilo que eu vivi é tão complicado que se eu não faço uma certa simplificação eu fico paralisado. Então eu tenho que fazer uma certa



PSICANALISTAS QUE FALAM

simplificação pra dar o primeiro passo. E o Primo Levi diz: "Escuta, não confunda compreensão com simplificação, simplificação é só o primeiro passo, compreensão é uma outra coisa". Então advertido disto... Primo Levi fala disso num grande livro dele, que eu aprecio enormemente este livro, *Os naufragos e os sobreviventes*, a simplificação é necessária, é o primeiro passo e, em hipótese nenhuma, confundido com compreensão.

Então eu vou contar uma ou duas histórias ao redor dessa Associação para o Desenvolvimento do Cidadão, um pouco aquilo que aconteceu antes, um pouco aquilo que aconteceu durante e um pouco das consequências disso. Sabendo que a compreensão vai se fazendo aos poucos. E a gente sempre é de uma compreensão parcial.

Nós psicanalistas, a gente está habituado que nunca uma análise termina. Ela termina sem jamais terminar. Ela termina só pra seguir de outro jeito. Então simplificação não confundir com compreensão, que ela vai chegando, ela vai vindo, ela vai se fazendo e não termina jamais.

[0:10:12] Um pouco antes, então começando antes da história, eu fui, nem sei como há de se dizer disto... Assistente, aluno, herdeiro... De um homem muito controvertido aqui em São Paulo, mas que, como estamos falando de mortos, a gente tem que honrar os mortos, pelo menos aqueles que a gente quando vê a tumba é bom costume a gente parar um minuto pra reverenciar.

Este morto é um morto importante pra mim. E o meu testemunho é que talvez ele seja um morto importante pro desenvolvimento da psicologia, da psicanálise aqui em São Paulo, que é um homem chamado Gaiarsa, o José Ângelo Gaiarsa.

Eu fui discípulo, ou talvez discípulo e um pouco aluno, um pouco herdeiro como ele costumava dizer: "Fábio, você é o meu herdeiro que vai me trair". Gaiarsa tinha uma grande antipatia pela psicanálise, apesar de ser um leitor extremamente assíduo da psicanálise, mas ele não gostava da psicanálise, não gostava do Freud, então ele me deu dois livros pra ler. Um dos livros era *A função do orgasmo*, do Reich, o outro livro era *Os tipos psicológicos* do Jung.

A função do orgasmo do Reich e o Reich, ele mesmo, se tornaram autores... O Reich se tornou um autor pra mim. O Jung eu nunca passei das dez primeiras



PSICANALISTAS QUE FALAM

páginas. E depois, aos poucos, quando eu fui me interessando seriamente pela psicanálise, essa foi uma das primeiras mortes que eu sou capaz de reconhecer nesse trajeto pra Associação para o Desenvolvimento do Cidadão foi... Não veio uma morte sozinha, veio duas.

Eu sou de formação médica e quando eu comecei a fazer o meu caminho pela psicanálise via Ângelo Gaiarsa pela psicoterapia, eu tive que morrer como médico, eu não sou mais médico. Eu fui e me custou muito deixar de ser médico, eu fui também psiquiatra e também não sou mais.

E com o Gaiarsa eu aprendi o seguinte: aquilo que conta é a clínica.

Clínica conta. Muito tempo depois, já deixando o Gaiarsa na sua tumba dos meus mortos, eu sou um apaixonado pela clínica, de tal maneira que a clínica ela sempre vem antes de todos os autores, inclusive do Freud. Quer dizer, Freud, Reich, Ferenczi, Nicolas Abraham, sei lá quanta gente, vem sempre depois, isso eu aprendi com Gaiarsa, eu herdei do Gaiarsa:

Aquilo que conta é o choque e o encontro de eu e uma pessoa na minha frente. Isso conta e todo o resto que vem, vem depois: depois, após, embaixo... O essencial, o território em que a coisa se estabelece é o choque afetivo, emocional, no encontro com a outra pessoa, que vem me dizer alguma coisa com princípio e a princípio eu não entendo absolutamente nada. E esse choque de não entender nada estabelece uma relação de humildade, de modéstia, de medo diante daquilo que está acontecendo.

Então, esse encontro com o Gaiarsa ele foi importante pra mim, porque quando me despedi do Gaiarsa – e foi uma despedida muito chata pra mim, muito chata pra ele, depois a gente se reencontrou, mas já éramos cadáveres um pro outro, eu era um cadáver pra ele, ele era um cadáver pra mim, um morto querido, eu acho que eu também fui um morto querido pra ele, mas nós não éramos mais vivos, éramos mortos. Me desculpe, não éramos cadáveres, é uma mentira, um erro, corriji imediatamente: éramos mortos. Um cadáver é um cadáver, nunca um cadáver vai ser capaz de conter um morto. Nós nos encontramos como mortos, tomamos muitos cafés depois, nunca mais eram os cafés e as pizzas que nós comíamos antes. Este evento que foi meu encontro com o Gaiarsa, quando eu



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

parti do Gaiarsa, já tendo partido da medicina, já tendo partido da psiquiatria, só, daí só...

[15:12] Um dia me aparecem um bando de gente mais jovem, eu era jovem, mas já tinha gente mais jovem do que eu, e se estabeleceu sabe-se lá o que, eu não sei quanto tempo demorou e se é que um dia vai acabar, a gente digerir aquele encontro com aquelas pessoas, entre eu e aquelas pessoas, entre aquelas pessoas e eu. Eu diria que o encontro com essas pessoas foi um encontro que a Geneviève Haag chama de uma "relação de elação". A gente se encontrou. Eles eram, se tornaram, em boa parte, meus interlocutores, eu suspeito, suponho, que em boa parte, eu fui interlocutor pra eles. Mais lá na frente dessa entrevista eu volto a falar do interlocutor, se der tempo, se não der fica pra uma outra hora. Mas eu suspeito que nós temos interlocutores.

Então tinha a Heidi [Tabacof], a Renata [Villas-Bôas], o Homero [Lacreta], o Jorge [Broide], a Lúcia [Wisnik]... E desse encontro, que era isso que eu tendo a dizer hoje que foi uma elação, como se a gente fosse uns pros outros, de um certo encontro, encontro que nunca terminava, era sempre um impulso, uma vontade, começa um movimento. Começa um movimento e esse movimento a gente começa a colher frutos dele. Como todo encontro ele produz coisas, né? E eu aprendi muita coisa, suspeito que eu também devo ter colaborado com alguma coisa e daí aparecem ideias, não? Quer dizer:

Depois dos afetos, depois das emoções, começa a dar pensamentos, esboço de ideias: "Vamos trabalhar juntos?". "E por que não?".

E no fim das contas a gente começou a encontrar um certo caminho pra trabalharmos juntos.

Depois desse grupo de gente veio um outro grupo de gente que também apreciei muito, a Cibele [Moreira Giacone], a Iara [Sales de Oliveira], a Silvia [Helena Stuhr Pechy], Yanina [Stasevskas], Cláudio [Mello Wagner]... Então, um grupo, um grupo que começou a ficar mais fornido de gente e as ideias, éramos todos psicólogos, eu já não era mais nem médico nem psiquiatra, ideias, ideias, ideias...

E daí começa uma coisa que eu acho que teve algum significado que é um movimento anímico, gostoso, bom, da vontade.



PSICANALISTAS QUE FALAM

A velha história: o apetite vem comendo. Então a gente comia, a gente se satisfazia, a gente andava, a gente progredia, tinha outras ideias. Até que essa ideia de trabalharmos juntos começou a se fixar. E daí num determinado momento, conversa pra cá, conversa pra lá, tempos difíceis, muito difíceis, o Gaiarsa, que eu acabei de mencionar, ele teve um papel importante nessa cidade, num tempo em que ainda era difícil respirar, no consultório dele dava pra respirar. Então vinha muita gente que não tinha lugar pra respirar vinha respirar lá: psiquiatras, estudantes, escritores e poetas e não sei o que. Então a gente se encontrava e respirava. Nos velhos tempos de... Uns tempos meio complexos, tempos de 64, 66, 67, 68... A gente podia respirar nesse lugar.

O encontro com esse grupo de gente, depois que eu me despedi do Gaiarsa, veio um pouco depois, os tempos não eram mais fáceis, pelo contrário. Como dizia o [Walter] Benjamin, a história se faz pela leitura de ruínas. Então a gente via ao redor da gente. E a gente tinha todo direito de criar, seja lá o que for, porque qualquer coisa que ficasse de pé era bem-vindo. Até que num determinado momento me caiu nas mãos, eu não sei por que meios que foi, um caso que com esse grupo de gente nós combinamos de dizer que era o caso Homero.

[20:16] Eu não quero parecer macabro, mas é assim que se passou. Quero contar a verdade, vocês por favor acreditem que eu estou contando a verdade. Mas pode ser que não seja.

O caso Homero. O caso Homero me caiu nas mãos, eu não lembro como ele me caiu nas mãos, eu acho que ele me caiu nas mãos, ou alguém me deu ou... Naquele tempo eu era um leitor inveterado de jornais, eu lia jornais e tal e não sei o que, hoje em dia não mais. Esse caso Homero, ou porque me deram, ou porque me caiu nas mãos porque eu li, eu me lembro de uma foto dele, que eu não tenho mais, esse caso Homero era de um taxista e esse taxista foi preso.

Me desculpe os detalhes, mas testemunho é assim. O caso Homero foi um caso que me ensinou muito e eu quis muito partilhar esse caso Homero com esse grupo de gente aí. Partilhamos.

Era um cara que foi torturado. Esse cara foi torturado e a tortura nunca é bonita (risos). A tortura sempre tem um lado que é muito difícil encontrar uma



PSICANALISTAS QUE FALAM

certa estética. Os torturadores eles costumam encontrar uma estética que, do meu ponto de vista, é muito discutível. Muito discutível.

Eu me lembro que há alguns anos atrás apareceu um livro chamado *As benevolentes*, de um cara chamado Jonathan Littell e que ele dizia que ele não se interessava pelas vítimas, porque as vítimas são muito chatas, elas sempre nos contam as mesmas coisas. "Ah, como elas sofreram, os traumas que elas tiveram... Ah, as vítimas são muito chatas, contam sempre as mesmas coisas". Pra ele, o Jonathan Littell, ele falou não uma vez só, falou duas ou três, que o que interessava pra eles são os assassinos, os torturadores, esses sim eles se lançam pra criar alguma coisa.

Puxa vida, eu sou obrigado a reconhecer que esse foi um dos livros que eu me forcei a ler até a página 350, faltava ainda 200 e falei: "Olha, me custou caro esse livro, mas eu já sei o que esse cara vai dizer". Então ele tentava botar uma filosofia num torturador. Muito difícil de encontrar uma filosofia num torturador, a fineza de sentimentos e de percepção do torturador me escapa completamente essa fineza e essa cultura que ele encontra no torturador, ele encontrou e eu nos meus pobres meios não encontrei nenhuma.

Enfim, encontrei uma matéria pra estudar, isso sim eu encontrei, mas pra apreciar nenhuma. E absolutamente não sou capaz de seguir o Jonathan Littell, naquela época muito menos, eu só ficava chocado com aquilo.

Como é que esse Homero foi torturado? Primeiro era kafkiano, porque não se sabia qual era a acusação contra ele, segundo não se sabia o que é que ele tinha que confessar, terceiro ele não sabia que informação ele poderia dar. É claro que isso enervou cada vez mais, teve o poder de enervar mais cada vez mais seus torturadores, porque eles não encontraram nada melhor, do que na sua criatividade, de enfiarem uma vela no ânus do Homero e acender essa vela, não é verdade? Os torturadores são muito criativos, realmente são muito criativos. Na Argentina, aqui, na Alemanha... Os torturadores são realmente de uma criatividade!

Então esse Homero morreu com queimaduras de segundo grau e de terceiro grau no períneo. E, coisa rara pra acontecer em cadeia, quando ele foi devolvido pra cela dois companheiros dele meio que cuidaram, mas fizeram



PSICANALISTAS QUE FALAM

aquilo que puderam, mas não puderam muita coisa e ele morreu na manhã seguinte.

Esse caso ficou um caso marcante pra mim, me marcou muito, eu acho que marcou também o trabalho que nós fizemos juntos, acho que marcou também, eu suponho, a vida das pessoas que participaram disso.

Eu escrevi duas ou três coisas a respeito desse caso e eu aprendi que existem crimes simbólicos. Existem crimes simbólicos e existem crimes modelo. Quer dizer, existem crimes que indicam que não são crimes, que são crimes que dizem alguma coisa, que são prenes de um estado de civilização, de um momento.

[25:18] Esse caso Homero eu tô convencido, ainda hoje eu tô convencido, mesmo falando de um Fábio morto, eu herdeiro desse Fábio que morreu, eu acho que sou fiel a minha herança dizendo: "Olha, esse caso ficou um ensinamento importante porque mostrava um estado de coisas".

A gente pode pensar que crime contra a humanidade existe porque a gente conta muitas vítimas, eu não partilho desse ponto de vista. Um crime contra a humanidade pode ser feito contra um homem só, contra a humanidade do homem. E basta um, um crime contra a humanidade, a humanidade do homem destruída, é um crime contra a humanidade.

O caso Homero foi um crime contra a humanidade. Mais ainda porque o Homero desapareceu, Homero desapareceu no limbo, "puf", duas ou três reportagens depois ninguém mais fala do Homero. Homero era taxista, um qualquer, passou, morreu, desapareceu, vamos a outra coisa.

Eu discuto hoje em dia, naquela época eu não discutia, discutia muito menos, eu aprendi depois, que a imprensa é como todo testemunho: pode ser falso. E pode ser enviesado. O Karl Kraus que foi um grande crítico da Viena do fim do século, ele dizia que os jornalistas eles deveriam antes se libertar e se tornarem homens livres pra depois contarem aquilo que eles viram, porque enquanto eles fossem homens escravos eles só contariam aquilo que mandam eles contarem.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Digamos que o Karl Kraus é um cara muuuuito peculiar, mas que tinha alguns discípulos absolutamente... Marcou uma época: [Elias] Canetti, [Robert] Musil eram discípulos efetivamente, de um porte absolutamente descomunal. Esse homem deu 750 conferências, então aquilo que ele fala da imprensa tem que ser escutado.

Então esse caso Homero me chegou através da imprensa, hoje em dia eu sei que eu tenho que escutar Karl Kraus e a sua crítica à imprensa, mas, de qualquer maneira, o dado que eu tinha, o crime contra a humanidade do homem do caso Homero. Isto foi, digamos assim, um germe...

Eu não sei se os outros companheiros, os meus colegas daquele tempo, pensam alguma coisa parecida, pra mim eu penso isto, eu sou herdeiro daquele Fábio, marcou pra mim uma coisa, que:

A psicanálise ela vale se ela é capaz de ir aonde tem gente sofrendo.

E, muitas vezes, a gente sabe em psicanálise, que o paciente que chega no nosso consultório é um falso paciente, porque o doente está longe, aquele que chega no nosso consultório é, mais das vezes, aquele que vem se queixar, a vítima como dizia o Jonathan Littell, um chato, um chato de galocha que vem se queixar, que vem dizer que tá doendo, que ele não aguenta mais, que não sei o que...

Então eu aprendi que a vítima então é um troço sério e que a gente tem que ir lá onde tem sofrimento. Isso eu suspeito que tenha que ver com alguma coisa do tipo aí da minha herança médica, que é um dos outros mortos, Doutor Fábio médico e que, de alguma maneira eu sempre paro quando tem um cara com a perna quebrada. Quer dizer, pode ser bobagem ou não, mas sou eu. Se tem alguém com a perna quebrada eu não sou capaz de passar, me escapa. Talvez foi por isso que eu fui ser médico. Mas eu deixei de ser médico, eu não sou mais médico, mas eu-psicanalista, proto-psicanalista da época pensava que a gente tem que ir onde tem sofrimento.

E eu creio que quando nós fomos lá onde tem sofrimento, a gente foi do bom jeito, a gente foi com cara de tonto: "Bããã, o que é que nós vamos encontrar?". Esse foi o bom jeito. E durou muito tempo. Esse bom jeito foi muito interessante.

PSICANALISTAS QUE FALAM

[30:03] "E agora, o que é que a gente faz?". "E o que que não sei o que, não sei que lá". E onde que a gente vai dar com os costados? Onde tem gente que sofre, que nem gente lá que nem esse tal de Homero, a gente foi descobrir que uma tal de Cadeia de Osasco tinha uma gente que não tava indo bem na vida. E que tinha dois grupos de gente nessa tal Cadeia de Osasco: os prisioneiros e os guardas.

E muito rápido nós descobrimos, não precisou muito tempo, que foi aquilo que era o meu ímpeto pessoal, primitivo, que eu queria entrar naquela cena do caso Homero, eu não queria deixar enfiar aquela vela. Ou, se eu tivesse que deixar enfiar aquela vela, eu queria ser o besta e o chato que fica estragando a orgia.

Então tem a orgia e tem o cara de terno e gravata que não deixa a orgia correr direito, é um testemunho, né, o cara que testemunha. E daí a gente entrou nessa tal de Cadeia de Osasco, com essa cara de "Bããã", bestão, assim, mas que tinha uma ideia muito boa na cabeça, muito boa mesmo: temos que separar, temos que ser um outro grupo de gentes, pra separar esses dois grupos de gentes. Porque um grupo de gente dependendo de um outro grupo de gente não vai dar certo. Alguém que depende totalmente do outro não vai dar certo, tem que ter um testemunho, alguém que fala: "Puxa vida, o que é que vocês dois estão fazendo?". Porque senão não vai dar certo.

Então nós entramos nesse lugar. E daí as coisas começaram a ficar, como tudo, as coisas começaram a ficar cada vez mais, uma pimentinha aqui, uma florzinha de louro ali... O tempero começou a ficar temperado.

Então conhecemos um padre, o Padre Agostinho, o Padre Agostinho arranhou um salvo conduto pra entrar na cadeia, a gente entrou na cadeia e daí a gente só conseguiu ver, e eu tava certo, eu sou herdeiro do meu Fábio, deste Fábio:

A gente tem que ir lá onde tem sofrimento, o sofrimento tem cheiro. Tem gente sofrendo tem cheiro. A gente entra numa enfermaria tem cheiro, a gente entra num hospital tem cheiro. Tem sons, tem sons de sofrimento, tem silêncios, silêncios de... Então a gente tem que ir lá pra ver.

A gente ficar onde não tem sofrimento é mais ou menos, por mais que o repórter seja fidedigno ele nunca vai conseguir me transmitir o cheiro, ele nunca



PSICANALISTAS QUE FALAM

vai conseguir me transmitir o som, ele nunca vai conseguir me transmitir o medo, ele não vai conseguir fazer isso. Ninguém consegue.

Tem que ir lá, tem que ir lá sentir o cheiro, cheiro de urina, cheiro de gente suada, cheiro de gente com medo, muito medo, a gente podia pegar, assim, cristais de medo. Não só medo dos guardas, mas medo dos medos, os piores medos, os medos entre si, medo dos prisioneiros entre si.

Porque nisso o Primo Levi também era muito porreta, um grande homem esse Primo Levi, ele dizia: "Quando eu entrei no campo de concentração, aquilo que mais que me doeu não foram os berros, eu tentava me orientar: os de cinza eram os inimigos, os vestidos de pijama listado, eram como eu e meus amigos, mas quando o cara de pijama listado gritava comigo me doía mais do que quando o cara de cinza... Porque meu amigo, o cara de listado, eu esperava uma palavra de conforto, uma palavra de orientação, de me dizer o que tava acontecendo naquele lugar"...

Então: medo entre eles. Não dos guardas, entre eles. "O que vai acontecer comigo durante a noite? A noite vai acontecer... Como é que eu vou dormir à noite? O que é que vai acontecer comigo durante a noite?".

E daí, aos poucos, a gente foi desenvolvendo olho, nariz, pra cheirar aquilo e de repente a gente via que tinha uma marquinha num braço de alguém, e daí a gente falava: "Hummm, essa marquinha tá com cara de cigarro aceso, uma queimadinha e tal". E às vezes a gente chega perto de um cara e falava: "O que é que tá te acontecendo?". "Não, não tá me acontecendo nada". "Tá tudo bem com você?". "Tá ótimo, tá ótimo".

[35:00] E daí a gente via o olhar do cara ir pra cá, pra lá, passear e quase dizendo pra gente: "Vai embora, sai de perto de mim, a única coisa que vocês vão fazer é me complicar a vida. Os caras vão pensar que eu tô dedando". Enfim, um universo. Que pra mim me interessava muito. Pra gente como Jonathan Littell não interessa muito. Heidegger também não se interessa por isso. Eu, pobre coitado, me interessei muito por essas coisas.

E então, daí, aos poucos, a gente foi desenrolando isso e daí: "Pá!", tinha um médico também com a gente, o Mauro [Milchtein]. Então daí a gente descobre uma coisa engraçada: tem uma cela, uma cela vazia, uma cela vazia que



PSICANALISTAS QUE FALAM

não tem ninguém lá. "E por que é que a sala tá vazia?". Porque teve uma tentativa de fuga, então a cela ficou vazia e então daí aumentou a população carcerária nas outras celas. E daí, outra das boas ideias: "Por que então vocês não transformam a cela numa enfermaria?". E deu certo. Deu certo.

Muitos anos depois, muuuitos anos depois, mas já muuuitos anos depois, eu cruzei com um cara que ousou pronunciar a palavra ternura. Esse homem foi o [Sándor] Ferenczi, a palavra ternura é uma palavra assim tão... Arranha a orelha da gente. Ternura. "Puff. O que é? Joga fora. Sai pra lá! Não me aborrece com essas bobagens". (risos) E pro Ferenczi, ternura, ternura é aquilo que de alguma maneira, entre nós seres vivos, não entre nós seres humanos, entre nós seres vivos, a gente sabe do que a gente tá, quem é vivo e quem é morto, quem é vivo e quem não é vivo.

Eu me lembro de um seminário do [Jacques] Derrida em que ele dizia: "Pois é, eu piso numa pedra, eu piso numa barata. Eu não sei se eu pisei numa pedra ou numa barata. Meu pé sabe. Meu pé sabe se eu pisei numa pedra ou numa barata".

Nós seres vivos a gente tem essa comunicação e tem essa comunicação estranha: a ternura. E o Ferenczi dizia... Perguntaram pro Ferenczi: "Ferenczi, escuta aqui, baseado no que é aí a psicanálise? Me diz uma frase?". O cara falou: "Olha, a psicanálise tá baseada, deixa eu ver, no tato". Tato não quer dizer absolutamente nada. E aí ele acrescenta: "Tato, na verdade, não é só a psicanálise que tá baseada no tato, a vida está baseada no tato". Tato. Tatear, entrar em contato. Não é boa educação, é tato, contato. Tocar. A gente só pode fazer isso indo lá. Se a gente não vai lá a gente não faz nada disso, de escutar falar, esquece, não tem clínica de escutar falar.

A clínica é ir lá. Ou vai lá e chega lá, ou não chegou em lugar nenhum.

Então, muitos anos depois, ternura, tato, eu não sabia, absolutamente na época da cela que virou enfermaria. Eu absolutamente não tinha ideia... Não tinha ideia, parecia uma coisa lógica, uma coisa clara: "Tem uma cela vazia, tem uns caras machucados, bota os caras machucados na cela vazia e cuida do cara machucado". Mas, muito tempo depois, quando encontrei o Ferenczi efetivamente, o encontro com o Ferenczi pra mim foi um grande encontro. Teve dois encontros, mas de 20 anos atrás, do Ferenczi e de um leitor do Ferenczi, o



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Nicolas Abraham, que foram grandes... Meus mortos e meus mortos, meus queridos mortos. Esses dois faziam parte dos meus queridos mortos.

Então deu certo. E aí a gente começou a ver que a gente podia complicar mais ainda. Tinha gente que podia sair da cadeia e não saía, porque não tinha selo pra botar no alvará de soltura e sei lá o quê, umas coisas desse tipo.

Então tinha um advogado que ia lá e tal e não sei o que, e daí tinha um combinado, um contrato entre a gente. Tinha um contrato. "Olha, a gente tá em perigo, ein? Porque é bandidagem, e a bandidagem precisa saber de que lado é, não?". Tem a bandidagem, bandido é e tem uma outra bandidagem que a gente tem mais dificuldade de reconhecer.

Eu me lembro que na época também tinha um cara chamado Lúcio Flávio, bandido, que ele cruzou com um cara chamado Mariel Mariscot, policial. E daí o Mariel Mariscot tirou um sarro do Lúcio Flávio quando o Lúcio Flávio tava preso, falava: "Ah, tá na pior agora, ein, Lúcio?". E daí o Lúcio falou uma coisa muito engraçada pro Mariel Mariscot, que era um policial... Um dos sete homens de ouro, corrupto... Mas uma criança, em vias do que a gente tá vendo hoje em dia, jardim da infância. Então daí... Mas naquela época chamava a atenção: um cara com pulseira de ouro e não sei o que... Hoje em dia a gente começa a se espantar quando o cara anda de helicóptero e daí a gente fala: "Pô, onde é que o cara comprou esse helicóptero?". Mas naquele dia, naquele jardim da infância, nos anos 80, então a coisa era assim. Então o Lúcio Flávio falou: "Olha, tem uma coisa, viu, Mariel, eu sei quem eu sou, eu sou bandido, mas eu não sei quem você é, eu não sei o que é que você é".

[40:45] É genial! Completamente genial. Quer dizer, depois aprendi com esse meu querido Nicolas Abraham que de todos os crimes que eu posso cometer, é o crime que eu cometo enquanto porta voz da lei que é o pior dos crimes. Isso é inclusive um preceito talmúdico. Quer dizer, qual o pior crime que pode acontecer? O crime do grande sacerdote. É o crime do rei, é aquele que deve cumprir a lei e ele descumpra a lei. Pedestrememente [sic], sei lá, incesto. É o pai que: "meu menininho", "minha menininha"... Então é dele que se espera que tenha a lei, uma certa ordem, uma certa estrutura, uma certa interdição: "isto não". A proteção do mais fraco. E é exatamente este que fala: "Olha, eu vou te fazer umas coisas e tal, e se você contar eu vou te matar". Quer dizer que essa



PSICANALISTAS QUE FALAM

captura a dois... Essa coisa a dois... Em francês tem um termo que eu não sei em português: "*un prise*" – captura o outro. O outro é meu.

Nos velhos tempos do escravo era assim: o escravo é aquele que não tem acesso à própria agenda, ele faz aquilo que o outro diz na hora que o outro diz. Essa captura, não?

Então o pior crime é o crime daquele que supõe-se estar lá pra cumprir a lei, pra trazer a lei, pra proteger o mais fraco, pra dizer: "Não pode fazer isso com você, ninguém pode, nem eu". Então o cara vai lá e faz. E daí ainda diz: "Se você contar eu te mato". Não tem incesto sem essa noção de segredo hermético. "Arghhh". Essa coisa [toque de celular] Então...

Então vamos lá nós e daí um contrato entre nós, a equipe, porque nós estamos no meio da bandidagem e daí a gente não pode dizer nada, a gente não carrega nada pra dentro, a gente não carrega nada pra fora, a gente não transmite recado, a gente não dá presente, a gente não recebe presente, a gente não dá endereço, a gente não dá telefone. É lá. Nós estamos indo lá e é lá que a gente tem que ficar.

Muito bem.

De repente as coisas não começam a ficar bem assim. E um dia... Ah, surpresa! Desembarca um preso no consultório da gente. Nessa época era muito interessante, o bando que... Eu nem me lembro mais onde a gente se encontrava, eu lembro que era uma travessa da Avenida Sumaré, numa casa lá... Depois a gente se mudou junto, esse bando de gente aí. Daí a gente se mudou lá pra um lugar... E *voilà* um grande problema: "Como é que foi parar um preso lá dentro do consultório, puxa vida!". Que era um troço assim, era rasgar o contrato. Que nem Hitler, o Chamberlain chegava e falava: "Não, estou aqui com o contrato de paz. *Herr* Hitler vai nos garantir a paz". E o *herr* Hitler virou as costas e o cara rasgou o contrato. E tinha acontecido exatamente isso: "tuf". Não pode trazer no... O cara pega... Alguém da equipe pegou o cara e botou o cara dentro do consultório e depois como é que vai tirar o cara de dentro do consultório? E veio pra passar um fim de semana, pra ver como é que era, mas era um troço, era um espanto isso.

[45:03] Então, daí a linda ideia que eu tinha – e era uma linda ideia – eu, aquele morto, aquele morto querido meu, Fábio dos anos 80, achava mesmo que



PSICANALISTAS QUE FALAM

kibutz existe. A cada um, de acordo com as suas necessidades, de cada um de acordo com as suas possibilidades, e eu sou suficientemente idiota pra me manter fiel a algumas coisas que são perfeitamente absurdas, mas eu sou obrigado a reconhecer que isso ainda eu também sou fiel ao meu querido Fábio morto. Aprendi isso e no fundo, no fundo de mim ainda acredito nisso. E daí funcionava bem, funcionava bem. Porque paralelamente a essa aventura lá pra Cadeia de Osasco, a gente tinha um curso. E era um cursão, tinha gente assim "Bah!", milhares de gentes, não sei o que... Então daí conforme os mais parrudinhos iam ficando mais aprumadinhos na vida, e iam deixando uma graninha pros caras que estavam chegando, enfim, aquele negócio todo. O curso se sustentava, eu nem me lembro mais, mas tinha uma circulação de coisas, que os recursos passavam pros caras que precisavam mais, tal, eu não sei mais ou menos como é que era, mas era mais ou menos assim. Nunca funcionou lá muito bem e eu nunca me interessei muito pra saber como funcionava. Não que eu nunca me interessei, eu tinha outras preocupações na cabeça então essas coisas me escapavam completamente. Mas completamente. Não sou capaz de dizer.

Daí a gente ganhou... Fizemos um projeto, ganhamos uma grana absolutamente... Uma grana pra sustentar todo esse negócio... "E o que a gente vai fazer com essa grana?". A gente sabia muito bem o que ia fazer com essa grana. Vamos arrumar uma clínica, não é verdade? vamos fazer clínica ao lado da prisão.

Quem vai estar nessa clínica?". A ideia era muito boa, muito boa: a gente não carrega presentes, a gente não dá presentes, a gente não é porta-voz de nada, a gente só tá lá pra fazer algumas coisas.

Mas aí a gente via que o filho de não sei quem e a mulher de não sei lá quem, e não sei lá o que... Tudo despencando lá. E inclusive dos policiais. Eu me lembro de uma palestra que eu dei pra um bando de policiais civis e que eu tava muito impressionado. Os caras me diziam: "Olha, tem um colega meu que vai se matar, tem um outro que tentou se matar, tem um outro que não está indo bem, tem um outro cara que tá tomando remédio, tem um outro cara que não vem mais pro trabalho"... Que era uma coisa que me impactava muito. Quer dizer, não tem bonzinho nessa história, não é verdade? Nessa história todo mundo se quebra a cara: faz uma bobagem e não tem quem salva. Todo mundo quebra a própria cara, de um lado e de outro.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Então daí: "Vamos fazer essa casa. Vamos fazer essa casa!". Então daí fizemos uma casa e não sei o que, não sei que lá...

E daí o dia da minha morte (risos). Eu sei muito bem o dia que eu fiquei doente, doença grave. O Fábio não se curou, morreu. Morreu. Foi uma doença grave. Uma doença grave. Puxa vida! O dia que eu virei presidente, putz, daí ferrou. Daí não tinha o que parasse. Eu virei presidente, olha só, cada coisa que acontece na vida das pessoas! Morri. Esse dia morri de uma doença grave. Porque daí terminou, naquele dia acabou, terminou. Depois só foi um pouco pra cá, um pouco pra lá, até que todo mundo foi embora, virou instituição. Eu virei presidente. Veja só! Também nunca mais virei presidente, nunca mais quero saber dessas coisas! Não quero morrer! Pois sou besta eu? Então o cara virou...

Eu virei presidente, presidente da ADC – Associação para o Desenvolvimento do Cidadão. Mal sabia eu que naquele dia eu e a tal associação tínhamos assinado nossa sentença de morte, íamos morrer, como, efetivamente, morreremos.

Morrer de morte de verdade. Essa coisa teve muitos desenvolvimentos, né? Teve dois que eu queria mencionar...

Depois eu fico por conta da Heidi pra quando ela disser que termina esse negócio, a nossa entrevista aí... Terminou?

[HEIDI fala algo incompreensível]

[50:03] [FABIO LANDA] Teve um desenvolvimento engraçado, né? Um desenvolvimento engraçado porque era muito alvissareiro, mas era muito alvissareiro, que era fazer um encontro de psicologia marxista e psicanálise em Cuba. Quando eu penso nessas coisas dá vontade de rir. Um riso meio nervoso, mas em todo caso... Mas é um riso, eu acho engraçado isso, porque daí eu vi o dia da minha morte. Eu vi um morto. Foi em Cuba, em Cuba eu morri, vou contar.

Então daí um grande pampeiro latino-americano... Uma... Eu me lembro de um primeiro encontro que eu tive com a Marie Langer que eu, emissário, presidente, futuro presidente do primeiro congresso... Me dá riso de nervoso essas coisas... Então daí lá vou eu, de avião pro México me encontrar com a Marie Langer. Eu me encontro com a Marie Langer... Eu não era tão bestinha assim, mas

PSICANALISTAS QUE FALAM

daquelas velhas forças vitais que ficam lutando até o fim antes de morrer. Conversa vai, conversa vem – eu gostava muito da Marie Langer porque ela fumava mais que eu na época – então o primeiro encontro foi um encontro luminoso com ela, que a gente não parava de fumar e conversar, três horas da manhã e daí no dia seguinte eu tinha que ir pra Nicarágua e depois ir pra Cuba... Quando eu tava entrando no taxi pra ir embora ela me falou: *"Fabio, hay una cosa que me gustaría muchísimo... Yo no puedo comprender, porque jamás se pasó conmigo esto, que a mi es un sueño ser recibida por los cubanos en la Casa de las Americas, mas un sueño... Es una tontería pero no entiendo como es que los cubanos no me invitaran, dejé ya miles, miles de posibilidades, billetes, consignas... y jamás me responderan..."*. E lá vou eu pra Cuba, primeira viagem, segunda viagem... Daí me entendo lá com um cara lá que é o meu co-presidente, nós presidentes... Os presidentes, né? Daí eu falo com meu amigo presidente lá: "Escuta, cara, mas deixa eu falar uma coisa, a gente tá se dando tão bem, eu tenho falado com a Marie Langer, pô, a Marie Langer ela tá danada de vontade de vir pra Cuba, por que vocês não convidaram a Marie Langer?". Então daí ele falou: "Mas como que não, a gente vive mandando convite pra ela e ela nunca responde". Eu falei: "Mas não é possível uma coisa dessas". Então falei: "Escuta, faz uma coisa pra mim? Bota isso num papel pra mim". Foi um dos dias em que eu mais vi uma mulher apaixonada por mim. Eu não entendia por que ela tava tão apaixonada por mim, porque eu chego... Chego duas, três viagens depois, eu chego no México e falo: "Marie Langer eu tenho uma coisa pra te dar aqui". Ela: "Fabio, que hombre!". E eu não entendia patavinas do que estava acontecendo. O diabo é que as mensagens para Marie Langer e os cubanos não passavam, sabe-se lá por que... Não, mas a gente sabe muito bem por quê.

E daí teve esse encontro. Teve esse encontro e daí eu vi o que acontece com a psicanálise e o psicanalista quando ele se encontra com a ideologia qualquer que ela seja, qualquer que ela seja. A infantilização absolutamente aberrante do psicanalista diante da ideologia, é como se a regressão que nós exigimos do psicanalista em sessão, seja ele analisado, seja ele analista, se fizesse ao vivo e a cores na natureza. O psicanalista vira criança. E foi o que eu vi.

Por favor, pelo amor de Deus, tá gravado, é só o meu testemunho. É claro que eu tô errado, não tenho dúvida que eu tô errado, é só a minha opinião.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E teve um dia, teve um dia que daí eu morri, foi o dia que eu morri, eu tava no pátio da Universidade de Havana, segundo ou terceiro dia de Congresso, e eu não tinha mais nada pra falar e nada pra escutar, nada pra falar com ninguém e nada pra escutar de ninguém. E eu me olhava naquele pátio, eu e os meus queridos cigarros, que naquele tempo eu fumava que nem uma caipora, que era a única coisa que me fazia... Era mais ou menos um Robinson Crusó depois de chegar, depois do naufrágio... Tinha um martelo, um teco de vela e eu tinha... Eu passeio com meu cigarrinho, eu passeio com meu cigarrinho porque eu não tinha nada pra dizer pra ninguém, nada pra escutar de ninguém. Eu não tinha nada que me interessasse dizer pra ninguém, eu não tinha nada que me interessasse escutar de ninguém, eu estava morto.

[55:44] Aquilo não tinha nada que ver comigo, eu não tinha mais nem como seguir naquilo. Pensei seriamente com meus botões, falando: "Fábio, vai pro aeroporto, pega um avião e vai embora". Não era pra fazer isto, não dá pra fazer isto, tinha mais um ou dois dias de congresso. Quando eu entrei no avião também não aconteceu absolutamente nada, eu pensei que ia ser uma grande liberação e não sei o que, nada! Eu me lembro que um cara falou pra mim: "Pô, Fábio, e agora, qual o próximo passo?". Eu me lembro que a única coisa que eu consegui responder foi: "Quando eu chegar em São Paulo eu vou no cinema". Foi a única coisa que eu consegui responder, que era a única coisa verdade, quer dizer, era a única coisa: "O morto morreu, mas eu estranhamente estava em vida". Mas eu tinha morrido e de mim tinha sobrado um cigarro e a vontade de ir ao cinema, mais nada, mais nada. Não tinha mais nada, só tinha sobrado de mim essas duas coisas. Cigarro – e naquele tempo dava pra fumar no avião, fumei que nem uma caipora, porque era o sinal vital: "Eu estou fumando, eu estou vivo!". Cheguei em São Paulo e fui no cinema, nem me lembro o que eu assisti mas eu fui no cinema. E foi nesse dia que eu morri. Então minha morte que tinha começado lá atrás... Eu adoeci e morri nesse dia, que foi o dia da minha morte: "Aqui jaz Fabio Landa".

Eu aprendi duas coisas então: a primeira coisa é que a ideologia é um discurso e como todo discurso, e como toda palavra, implica um fenômeno físico, quer dizer, uma palavra ela tem um poder de ter uma repercussão física. Do mesmo jeito que um fenômeno físico imediatamente se traduz por uma palavra. Não há um fenômeno físico que não tenha uma repercussão psíquica, e não existe um fenômeno psíquico, a palavra entre elas, que não tenha uma repercussão



PSICANALISTAS QUE FALAM

física. A ideologia é isso, né? É uma palavra que tem uma repercussão física absolutamente poderosíssima. poderosíssima. Inclusive a socialização da ideologia é de um poder absolutamente... E, é claro, que isso vai estritamente no sentido contrário daquilo que a psicanálise luta e quer: separação com diferenciação. A ideologia quer exatamente o contrário. A equalização, equalização, sei lá como se fala isso, com indiferenciação. Nós somos a dissolução de Eu. Eu só posso estar no Nós, neste Nós, contanto que eu dissolva Eu. Quer dizer, é estritamente o contrário da direção que me leva à psicanálise. Psicanálise – separação com diferenciação, Eu cada vez mais diferente e, portanto, cada vez mais necessitado de falar, cada vez mais necessitado de ouvir. Um diálogo, não? Conversa. Uma respiração. E a ideologia, qualquer que ela seja, qualquer que ela seja, ela vai estritamente no sentido oposto, é uma colisão.

E desta colisão a psicanálise sempre perde. Porque a psicanálise, de alguma maneira, como dizia o Ferenczi: ternura, tato, te-te-té, não sei o que, essas frescuras... A ideologia não. Ela se preocupa com coisas sérias, o porvir da humanidade, seja ele qual for, as paixões humanas... Essas coisas extremamente intensas, que pela sua intensidade a gente já nem sabe o que está sentindo.

[01:00:15] Imagina sentir, não? O sentimento da intensidade, a queimadura, uma queimadura, o que é que eu sinto? Aumenta muito a intensidade das minhas paixões e eu não sinto mais nada, eu sinto uma queimadura. A psicanálise é o contrário. É estritamente o contrário. Separação, pequeno, com diferenciação.

Se a gente pudesse dizer que tem uma revolução psicanalítica, tem. A psicanálise é porta-voz de uma revolução. Uma revolução microscópica.

Então, lá atrás inventaram o microscópio e pararam de jogar gente na fogueira porque estavam transmitindo a cólera. "Ah, é, esse bichinho aqui! Ah, eu vi, eu saquei, eu percebi". A psicanálise... existe uma revolução psicanalítica. Como diz a Marthe Robert: revolução psicanalítica existe, mas ela vai no sentido contrário... Revoluções. Seja ela qual for. Porque na verdade as revoluções que a gente acha que é revolução – a gente tem que tomar muito cuidado com a palavra revolução porque as revoluções muito rapidamente elas se transformam. Nome e sobrenome, elas não se contentam em ter prenome: revolução, elas



PSICANALISTAS QUE FALAM

imediatamente querem ter um sobrenome. E as revoluções muito rapidamente elas se transformam em revoluções conservadoras.

E como dizia o Hitler: "Eu, o primeiro revolucionário conservador, de todos os revolucionários conservadores, eu sou o mais revolucionário conservador de todos!". E isso quando a gente vê as revoluções tem concorrente pro Hitler, quer dizer, revolução conservadora: "É lá atrás que está o bom, é na origem que está os fundamentos", essas coisas que...

E vai exatamente no sentido contrário da psicanálise. A luta da psicanálise e a vitória pequena, mínima, do adquirido sobre o inato. Então as revoluções e as revoluções elas gostam de ter sobrenome, as revoluções viram revoluções conservadoras com uma facilidade! Elas vão no sentido contrário: "É na minha origem que está não sei o que ", "É no dia da minha concepção que está não sei que lá". E daí vem todas as coisas que vocês quiserem: racismo, todas essas coisas aí que a gente tá... Vai no sentido contrário da psicanálise, da revolução psicanalítica. A vitória, pequena que ela seja, do adquirido sobre o inato, isso eu aprendi.

Então, nunca mais tive cargo. Uma vez, eu minto. Mas foi efêmero, efêmero e eu falei pro cara: "Eu tenho um contrato com você, ein, cara?". E o cara teve a ideia de fazer a Associação dos Amigos de Nicolas Abraham e Mária Török. Éramos tão poucos que o cara falou pra mim: "Pô, Fábio, você tem que embarcar nessa". E eu falo: "Pô, tudo bem, eu embarco". "Então eu vou ser presidente e você vai ser vice-presidente". E eu falei: "Olha, eu vou ser por um ano e contanto que eu não tenha que fazer nada, eu não assino nada, eu não participo de nada, eu não vou em nada, porque eu não quero morrer outra vez. Eu já morri como presidente, agora eu não vou decair, né, e morrer como vice-presidente". Então, pô, quero morrer agora como presidente. Eu não ia matar o cara pra virar presidente e morrer, então terminou o meu ano e fui embora, na boa, foi a única vez, mas isso foi brincadeira. Então isso aprendi, terminou, acabou.

A segunda coisa que eu aprendi e que guardo com muito... E que, diga-se de passagem, é o que eu faço... Naquele proto-modelo Gaiarsa, que a clínica... E daquele proto-modelo que foi esse grande pote mágico, que nem o pote do Obelix, poção mágica do Asterix, não? Que toma uma gotinha e sai batendo em todos os romanos... Pra mim foi um pote mágico, teve outros na minha vida, mas



PSICANALISTAS QUE FALAM

esse foi importante, encontro com essa gente aí que eu acabei de mencionar no começo... É que não tem curso de psicanálise, não é verdade? Não existe isso.

[01:05:05] Não tem formação de psicanálise, não existe isso. Existe uma clínica da transmissão, nisso eu acredito. E isso eu não devo nada pra ninguém, quer dizer, não tem morto. Tem um morto: o Fabio, esse...

Não é do Fédida, nem do Derridas, nem do Nicolas Abraham... A clínica da transmissão.

A transmissão é uma clínica. Esta clínica ela é extremamente delicada, ela é muito difícil de ser praticada. Como é que um analista mais velho ajuda um analista mais novo a construir o seu repertório? A receber na sua intimidade o seu paciente? Sofrer com seu paciente? Sofrer o sofrimento, o medo?

E psicanalista bota muita pose mas se borra de medo, sempre! Entra um paciente e a gente nunca sabe quem é a presa e quem é o predador. Aparentemente o paciente vem com suas angústias... Mas vamos examinar as angústias do analista... Como que a gente ajuda um analista mais jovem a construir o seu repertório afetivo, não é verdade? Como é que a gente ajuda? Ajuda quer dizer não atrapalha, não atrapalha o analista mais jovem a ser fiel à sua sensibilidade, escutar o seu sentimento, escutar o mais das vezes os seus temores e, sobretudo, como é que eu ajudo um analista mais jovem a assumir aquilo que é o trabalho cotidiano do analista? A condição de fragilidade que implica o desnudamento. O analista vestido de presidente...

Bom, de presidente já vira rei momo, né? Que termina na 4a feira de cinzas. Mas analista, analista e tal...

Como diziam: "Um grande analista, basta um momento de distração pro grande analista deixar de ser analista. Ele continua grande, mas ele deixa de ser analista.

Porque a condição do analista é a fragilidade, é o desnudamento, é o aumento daquela ignorância absoluta.

E tem poucas vezes que a gente pode pronunciar essa palavra: "a ignorância absoluta". Alguém entra no meu consultório e eu não sei nem... Eu vi ele ontem, mas será que o cara que tá entrando no meu consultório hoje é o



PSICANALISTAS QUE FALAM

mesmo? Eu não sei. Eu não sei se o cara que se despediu bem de mim ontem e é meu amigo, se no dia seguinte ele vai chegar no meu consultório e ele é meu inimigo e vai me matar. Eu não sei nada! E isso se repete todos os dias, é a condição de fragilidade. O analista vestido ele impede o desnudamento do seu paciente. Como é que eu ajudo alguém a desnudar-se? Isso eu aprendi: que existe uma clínica da transmissão. A clínica da transmissão e que ela é tão delicada quanto uma clínica qualquer, eu diria mais delicada, porque a higiene, a exigência, o medo, o remorso do analista quando ele faz uma bobagem é muito grande.

Então curso... Eu acredito nisso, eu acho que é muito útil pra informação – eu mesmo eu fiz meu doutorado, foi uma coisa muito interessante. Analista – a clínica da transmissão. Daí isto eu aprendi. E eu aprendi desde lá atrás, quer dizer, eu aprendi naquela experiência com aquela gente e depois no curso, que existe uma clínica da transmissão, que é o poder vir e chegar à posição do analista, que é a posição de fragilidade, então tem alguém que me diz alguma coisa.

[01:10:01] Então uma última palavra sobre a clínica da transmissão, que eu aprendi a duras penas, né?

Deixa eu voltar lá atrás dois minutos sobre a questão da ideologia... Eu escutei de um analista, não? Uma frase absolutamente estupenda. Eu tava discutindo com ele, não sei o que e tal e ele me disse: "Que é que você tanto se preocupa com o genocídio dos judeus, não é verdade? O genocídio dos judeus é uma titica na história da 2a Guerra Mundial. 10 milhões de mortos na Ucrânia, 15 milhões de mortos na Alemanha... E daí muitos anos depois, olha só o que acontece com a ideologia: Eu escutei a mesma frase quando eu tava na França da boca de um cara chamado Jean-Marie Le Pen. Jean-Marie Le Pen é o fundador, porta-estandarte, o pai da Marine Le Pen, o cara que fundou o Front National e o que ele diz? As câmaras de gás? As câmaras de gás são um detalhe na história. E eu escutei isso de um analista, que é muito interessante. E daí, pra dizer uma última palavra sobre a ideologia.

Agora, é claro que esse analista estava falando de uma outra coisa, de uma grande vitória que se teve sobre a barbárie e não sei o que, tá certo?



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então daí a questão da clínica da transmissão... O Ferenczi fez um grande trabalho, um grande trabalho, que o Nicolas Abraham, a justo título, disse que a grande obra ferencziana que é *Thalassa*.

E *Thalassa* me proporcionou fazer amizade com uma mulher fascinante que é a Judith Dupont. E que eu fiquei amigo dela porque eu falei: "Olha, tem uma porção de gente que diz que *Thalassa* é uma bobagem. E eu acho que *Thalassa* é o pilar da obra ferencziana, e ela tinha escrito que *Thalassa* era uma coisa periférica...

O Lacan também disse: "Thalassa, pfff, Thalassa...". O Lacan era ótimo: "Thalassa"... Então... Mas *Thalassa* é ótimo mesmo.

E daí *Thalassa* tem uma questão interessante, que escapa completamente à maior parte dos leitores de Ferenczi, porque Ferenczi é um autor extremamente complexo. Ele é como o Primo Lévi. Aparentemente ele tá dizendo tudo na cara e na lata e não tem nada pra esconder, tá tudo lá e a gente entendeu tudo. O Primo Lévi a mesma coisa, até a gente desconfiar que o Primo Lévi tá fazendo filosofia e até a gente desconfiar que o Ferenczi tá dando um nó na cabeça da gente passa muito tempo, mas é exatamente o que eles estão falando.

Então Ferenczi ele faz *Thalassa* e *Thalassa* tem um escrito do jornal clínico do Ferenczi que é absolutamente estupendo, ninguém nunca perpetrou uma coisa como essa, um pequeno artigo do Ferenczi que se chama: "Quem é louco? Nós os analistas ou os nossos pacientes?". E o Ferenczi diz: "Nós, os analistas, porque a gente acha que a gente pode ser hipócrita, a gente acha que pode mentir". E daí o Ferenczi diz: "Ah, mas atenção, porque os nossos pacientes nos perseguem até nos nossos sonhos e podem nos levar ao suicídio". Esta condição é a condição de terror do analista. O analista ele não está fazendo benevolência e muito menos está cuidando do bem-estar das pessoas. Ele está arriscando a própria vida.

Muito bem.

E *Thalassa* então, que vem depois a grande crítica: "Quem é louco? Nós ou os nossos pacientes?". E que dá em dois grandes textos, um deles é *A confusão de línguas entre os adultos e a criança* que o Ferenczi diz: "Olha, hipocrisia é morte.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Aquilo que um analista pode fazer é reconhecer os próprios erros e isso só aumenta a fiabilidade".

Então pra Ferenczi a palavra-chave é confiança, pro Freud a palavra-chave é verdade. Com um detalhe: pra chegar na verdade é preciso confiança, porque, se não, não chega. E essa é a grande contribuição, uma das grandes contribuições do Ferenczi.

[01:15:06] Muito bem, *Thalassa*, que é outro grande texto, de onde vem: "Quem é louco? Nós analistas ou os nossos pacientes?". Que o Ferenczi introduz a noção de que nós nos protegemos. E o diabo é que a gente não sabe do que a gente se protege, a gente não sabe também do que é que nós protegemos, por isso que a vida é tão interessante, não?

A vida é interessante porque ela se dá na existência, não?

Mas o que é que é vida e o que que protegemos? A gente não sabe.

Então o Ferenczi introduz a noção de que o feto ele desenvolve uma proteção e essa proteção permite ao feto ele se desenvolver. E essa proteção conta a história das ameaças contra a vida que está se desenvolvendo, de tal maneira que quem sou eu pro meu paciente e quem é o meu paciente pra mim? Quem sou eu pro outro e quem é o outro pra mim? Na verdade, eu sou portador de uma mensagem que eu não tenho a mínima ideia do que seja. Quer dizer, eu sou a minha luta pela sobrevivência. A luta pela sobrevivência.

Se perguntarem: "O que tanto luta pela sobrevivência?". "Eu não sei". Mas o outro está vendo, e quando o outro chega na minha frente, eu estou vendo o do outro, mas eu não estou vendo o meu.

Então *Thalassa* dá este nó, em que cria uma interdependência estrita entre analista e analisando, tanto que o Ferenczi faz uma grande experiência que é a análise mútua.

A gente tá acostumado a falar: "Análise mútua, é... É uma piada...". Não é. Análise mútua é aquilo que nós fazemos, porque o cara que vem me consultar, ele está vendo de mim uma coisa que eu não tenho ideia do que seja, e eu estou vendo dele uma coisa que ele não tem ideia do que seja, mas na medida em que o cara começa a falar comigo, eu falo: "Puxa vida, isso deve ser alguma



PSICANALISTAS QUE FALAM

mensagem". Uma mensagem de sofrimento, uma mensagem de vitória... Mas sou eu que digo pro cara que o cara tá me dando uma mensagem. O cara não sabe que ele é portador de uma mensagem, do mesmo jeito que eu não sei que eu sou portador de uma mensagem. Só o outro pra dizer: "Puxa, Fábio...". E daí eu descubro... Nesse momento em que alguém fala: "Poxa vida, você tá me transmitindo uma mensagem, eu não sei qual é"... Sob a forma de símbolo, sob a forma de um discurso incompreensível – mas sobretudo sob a forma de símbolo... Então, nesse momento eu digo pro cara que ele tem uma mensagem, que ele é um mensageiro, e eu sou quem? Eu sou o interlocutor disto. No campo da psicanálise tem uma certa tradição, mas no campo da literatura é uma tradição muito maior, da garrafa ao mar.

Na psicanálise, o [Serge] Viderman, por exemplo, escreveu um artigo muito bonito: *A garrafa ao mar*, quer dizer, alguém joga uma garrafa no mar e o que é que ele espera? Que essa garrafa chegue, até alguém numa praia distante, olhe a garrafa: "Oh, garrafa!", abra a garrafa, retire a mensagem de dentro da garrafa e responda, de tal maneira que essa garrafa que navega no mar e que chega em algum lugar é como se tivesse uma mensagem, que essa mensagem ela vai perdurar como uma garrafa até o momento em que alguém abre e fala: "É uma mensagem!". Então daí a garrafa ao mar deixa de ser uma garrafa pra ser uma mensagem. E daí, o cara que vai em busca do outro, ele está já não mais numa garrafa ao mar, mas ele está com uma relação humana terna. "Alguém falou alguma coisa pra mim e eu escutei. E agora eu vou responder". E nesse momento tem uma interlocução.

[01:20:08] Então, pra voltar ao meu propósito: como é que eu posso criar uma clínica em que eu possa ajudar, inclusive a mim mesmo, a estar nessa condição de fragilidade em que eu, queira ou não, eu estou desnudado na frente do outro, porque eu sou porta-voz de uma mensagem que eu não sei que eu sou porta-voz? Eu sou um mensageiro, mas o outro sabe e o outro é mensageiro de uma mensagem que ele não sabe que ele é porta-voz de uma mensagem, mas eu sei. De tal maneira que: como é que eu posso chegar nesta posição pra criar o meu próprio repertório a partir de uma condição de fragilidade, que é o desnudamento, entrar numa relação de interdependência estrita e poder dizer no interior disto, que é o caminho que eu suponho que seja o caminho do psicanalista?



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Então eu, pra terminar esse assunto que começou lá... O dia da minha morte eu falei e essas duas coisas me importavam falar, quer dizer, aquilo que eu aprendi herdeiro de mim: psicanálise e ideologia e a clínica da transmissão. Muito bem, acho que terminamos, não? Está bom assim?

[Heidi fala algo incompreensível]

[FABIO LANDA] Então está mais do que bom.

[HEIDI TABACOF] Tá ótimo, muito obrigada.

[FABIO LANDA] Valeu pra alguma coisa, Heidi?

[HEIDI TABACOF] Valeu. Muito obrigada.

[FABIO LANDA] Dá pra acompanhar aquilo que eu falo? Ou é "zu-zu-zu-zu-zu"?

[HEIDI TABACOF] Não, dá perfeitamente. Muito bom. Muito obrigada.

[FABIO LANDA] Cumpri o contrato, ein? Vim aqui falar da ADC, tá dado. Na verdade, você fez uma coisa boa Heidi, esse negócio... Uma boa ideia, boa ideia...

[HEIDI TABACOF] Que bom. Valeu, obrigada.

[FABIO LANDA] Deixa eu pegar meus cacarecos. Depois você me diz o que você vai fazer com isso?

[HEIDI TABACOF] Claro, você vai ver (risos). A gente vai montar, editar, enfim, e daí vai te mostrar, claro!

[FABIO LANDA] Gente, muito obrigado.

créditos

[ANA PRYNC] Muito rico o depoimento, obrigada.

FIM